GRUPO ABCD, COFCO E O OLIGOPÓLIO DA SOJA: RECONFIGURAÇÕES GEOECONÔMICAS ENTRE BRASIL, CHINA E ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

ABCD GROUP, COFCO, AND THE SOYBEAN OLIGOPOLY: GEOECONOMIC RECONFIGURATIONS AMONG BRAZIL, CHINA, AND THE UNITED STATES

GRUPO ABCD, COFCO Y EL OLIGOPOLIO DE LA SOJA: RECONFIGURACIONES GEOECONÓMICAS ENTRE BRASIL, CHINA Y ESTADOS UNIDOS DE AMÉRICA

Josué Khun Völz
Universidade de Brasília
josuekvolz@gmail.com

Tiaraju Salini Duarte
Universidade Federal de Uberlândia
tiaraju.ufpel@gmail.com

Resumo:
O artigo aborda a conformação do oligopólio de *traders* transnacionais de soja, analisando, em especial, como as empresas do grupo ABCD (ADM, Bunge, Cargill e Louis Dreyfus), juntamente com a recente ascensão da COFCO, interagem nas esferas de influência dos Estados Unidos e da China, e como essa dinâmica impacta a realidade do território brasileiro. Metodologicamente, a pesquisa baseia-se em revisão bibliográfica, levantamento de dados primários e secundários sobre a produção e distribuição de soja no mercado internacional, e discussão analítica dessas informações. Como resultado, observa-se que EUA e China buscam sediar Empresas Transnacionais com vistas à inserção estratégica no setor, enquanto o Brasil, sem a mesma capacidade, acaba arcando de forma desproporcional com os ônus dessa cadeia.

Palavras-chave: Brasil, China, Estados Unidos da América, Empresas Transnacionais, Soja.

Este trabalho está licenciado com https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/

Abstract:
The article examines the formation of the oligopoly of transnational soybean traders, focusing on how the ABCD group companies (ADM, Bunge, Cargill, and Louis Dreyfus), alongside the recent rise of COFCO, interact within the spheres of influence of the United States and China, and how this dynamic impact the territorial reality of Brazil. Methodologically, the research is based on a literature review, collection of primary and secondary data on soybean production and distribution in the international market, and analytical discussion of these datasets. The findings indicate that the United States and China aim to host transnational corporations (TNCs) to strategically embed themselves in the sector, while Brazil, lacking comparable capacity, disproportionately bears the burdens of this supply chain.

Keywords: Brazil, China, United States of America, Transnational Corporations, Soybean.

Resumen:
El artículo aborda la conformación del oligopolio de las comercializadoras transnacionales de soja, analizando, en particular, cómo las empresas del grupo ABCD (ADM, Bunge, Cargill y Louis Dreyfus), junto con el reciente ascenso de COFCO, interactúan en las esferas de influencia de Estados Unidos y China, y cómo esta dinámica impacta la realidad del territorio brasileño. Metodológicamente, la investigación se basa en una revisión bibliográfica, recopilación de datos primarios y secundarios sobre la producción y distribución de soja en el mercado internacional, y un análisis crítico de dichas informaciones. Como resultado, se observa que Estados Unidos y China buscan albergar empresas transnacionales con miras a una inserción estratégica en el sector, mientras que Brasil, sin la misma capacidad, termina asumiendo de manera desproporcionada las cargas de esta cadena.

Palabras-clave: Brasil, China, Estados Unidos de América, Empresas Transnacionales, Soja.

Introdução[1]

O seguinte artigo aborda a questão espacial a partir das disputas entre países na sua ligação com agentes de mercados. Mais especificamente, como as Empresas Transnacionais (ETNs) atuam no ramo da soja, e de que forma suas relações com a projeção de poder econômico dos Estados Unidos da América (EUA) e da China impactam na realidade do território brasileiro.

Portanto, será tratado o comércio transnacional de um produto em específico: a leguminosa (*Fabaceae*) Soja (*Glycine max*). O que se pondera ao estudar o ramo da soja na atualidade é sua importância mundial, como a terceira *commodity* agrícola mais comercializada — quando incluídos seus derivados — e quarta planta mais cultivada. Sendo a primeira entre os Organismos Geneticamente Modificados (OGMs) e, de fato, correspondente a quase metade dos grãos transgênicos colhidos globalmente em 2019 (Norberg; Deutsch, 2023).

Considerando que o caráter oligopolístico de certos ramos opera no nível internacional (Gill; Law, 1989), nota-se a concentração de setores-chave da cadeia agroalimentar sob o auspício de alguns poucos atores privados. Como sublinhado por Jennifer Clapp (2015), no caso da cadeia de *commodity* da soja, em 2015 havia uma concentração de 75% do ramo nas operações gerenciadas por quatro *trading companies*, nomeadas de grupo ABCD. Também se sobressai a presença no eixo atlântico-norte, já que três estão sediadas nos

[1] O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) - Código de Financiamento 001 e a pesquisa está vinculada ao projeto de ensino Geografia Política, Identidades e Territorialidades (GeoTer).

EUA e uma nos Países-Baixos. Respectivamente Archer Daniels Midland (ADM), Bunge, Cargill e Louis Dreyfus Company (LDC). Da jusante (insumos e produção) à montante (distribuição e comercialização), tamanha oligopolização foi constituída através da ingerência ativa de tais agentes na busca por uma posição privilegiada (Paula, 2017).

A espinha dorsal da cadeia global da soja está nestas empresas, mas também é significativa a própria dinâmica de transformação do setor. Cabe apontar a ascensão da empresa China Oil and Foodstuffs Corporation (COFCO) que conseguiu entrar no pódio recentemente, como segunda maior *commodity trader* do mundo (ETC, 2022).

Aqui se apresenta que os casos dos EUA, China e Brasil são essenciais para uma adequada compreensão, não só pela atuação significativa que cada um desses países desempenha atualmente no mercado da soja, mas notoriamente pelas suas distintas trajetórias históricas em relação às mencionadas ETNs.

Muito embora a oleaginosa já tivesse sido introduzida nos EUA no final do século XIX, a sua produção comercial tomou significado a partir da década de 1940. Paulatinamente, o país veio se destacando pelo desenvolvimento tecnológico através do investimento estatal e privado, para que na década de 1970 tenha se estabelecido como maior exportador do mundo. Em concordância, uma robusta infraestrutura de transporte e armazenamento capacitou-o a atender as demandas europeia e chinesa com eficiência e baixo custo (Paula, 2017).

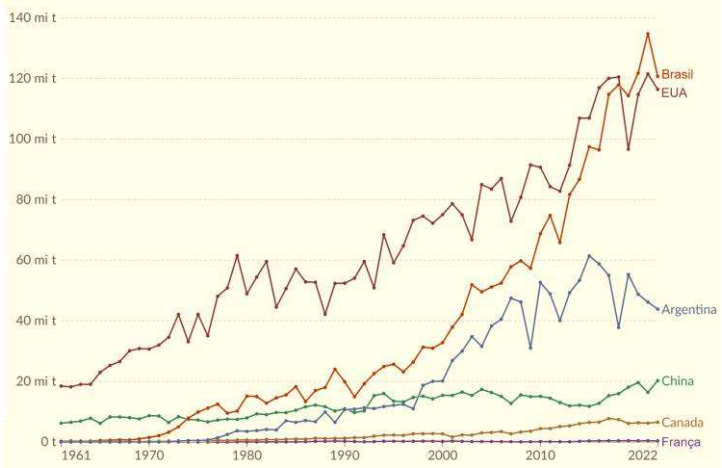
Na atualidade, permanece a influência dos subsídios e tarifas estadunidense nas dinâmicas de preço do grão, visto que ele se

mantém como segundo maior produtor e exportador. Expressamente, concentram-se as transações futuras da soja na Chicago Board of Trade (CBOT), que serve de *benchmark* internacional (Bethlem; Lima; Lima, 2023).

Já a China, corresponde ao território original de domesticação da soja. Mesmo assim, desde a década de 1990 o país vem se consolidando como comprador internacional do grão e hoje é seu maior importador. Dessa forma, as suas políticas internas tendem a impactar decisivamente nas dinâmicas do mercado global. Para além, há um movimento recente de expansão transnacional de suas empresas estatais, em vias de assegurar o fornecimento contínuo e volumoso das matérias-primas — necessárias na garantia da alimentação da população e seu crescimento econômico (Kosinski; Alvares. 2022).

Enquanto o Brasil vem galgando melhores números na produção e exportação da soja desde os anos de 1970 (gráfico 1). Na esteira do incentivo governamental, de inovações técnicas, e da logística introduzida por ETNs (Kosinski; Alvares. 2022).

Gráfico 1 - Produção de grãos de soja (em milhões de toneladas) dos principais países produtores entre os anos de 1961 e 2022



Fonte: FAO, 2024.

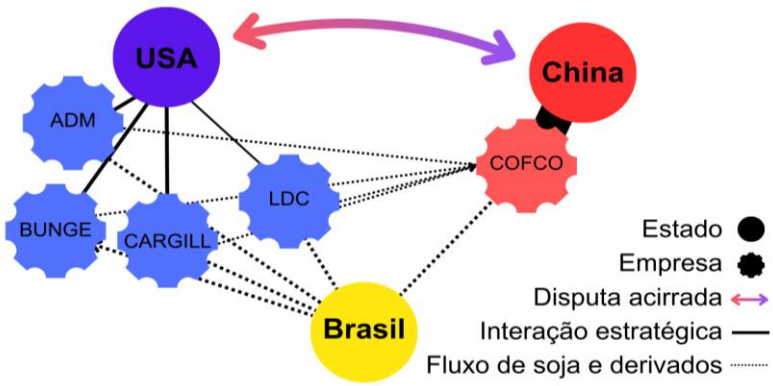
Sua expansão está assentada no aumento das áreas cultivadas, possibilitado pelo desenvolvimento de variedades de soja de alto rendimento e adaptadas a diferentes biomas a partir do investimento estatal em Pesquisa & Desenvolvimento (P&D). Ainda que se encontrem muitos desafios nos setores de infraestrutura e transporte (Chaves *et al.*, 2005). Além disso, nenhum dentre os principais agentes transnacionais que compõem o setor logístico estão baseados no Brasil.

Frente ao exposto, o presente artigo objetiva analisar a trajetória contemporânea do uso da soja em três países (Estados Unidos da América, China e Brasil), buscando compreender o papel desempenhado pelas maiores *traders* do grão em relação às dinâmicas de projeção de poder geoeconômico que compõem o setor.

É argumentado que a produção e distribuição sojícola por meio de recursos que se encontram no terreno brasileiro atendem, primordialmente, interesses de uma seleta parcela de atores. A figura a seguir representa os principais achados do estudo, realçando

as duas principais esferas de projeção de poder, conforme a relação entre Estados e empresas se mostra mais coesa.

Figura 1 - Esquema representativo dos objetos de estudo e sua análise



Fonte: Autores, 2025.

Procedimentos metodológicos

No esforço de analisar o contexto da realidade atual, procura-se entender "como" e "por que" ocorrem determinados fenômenos (Yin, 2001). Então, assumem-se características de um estudo de caso, de acordo com Stake (2011), mais uma escolha sobre o que será estudado do que uma metodologia em si. Ainda que haja referência na comparação incorporada, em que a participação das partes são cotejadas enquanto o todo estudado emerge (McMichael, 1990).

Na primeira etapa, foi realizada uma revisão bibliográfica, visando constituir o ferramental necessário para tratar das dinâmicas elencadas. No segundo momento a abordagem foi complementada pelo levantamento de dados primários e secundários acerca da situação do setor de produção e distribuição de soja no mercado internacional — focando na evolução entre os anos de 1960 e 2024.

Portanto, para os três países estudados, foram de fonte primordial os informes disponibilizados oficialmente pelas suas instituições (USDA, 2024a; 2024b; 2024c; 2024d; MARA, 2024; EMBRAPA, 2024; CONAB, 2024; AgroStat, 2024; ABIOVE, 2024; CEPEA, 2025). Somado a isso, recorreu-se aos relatórios financeiros, bem como de *Environmental, Social and Governance* (ESG), das cinco maiores *traders* mundiais de soja (ADM, 2024; Bunge, 2024; Cargill, 2024; COFCO, 2024a; 2024b; LDC 2024).

Ao nos debruçarmos sobre os dados das companhias, no entanto, ficaram latentes os interesses financeiros e estratégicos em ocultar a movimentação de ativos e a participação no mercado por parte delas. Principalmente ao se considerar a capacidade de criar barreiras para a dissipação de informações que algumas das empresas, de capital fechado ou estatal, são capazes de empenhar (ETC, 2022). Neste contexto, os elementos mapeados e disponibilizados pela iniciativa de dataset da Transparent Supply Chains for Sustainable Economies (Trase, 2018; 2024) serviu para triangulação e preenchimento de lacunas de dados primários. Também foram essenciais as publicações acadêmicas, creditadas ao longo do texto.

A última etapa consistiu na retomada das discussões teóricas em conjunto com os dados supracitados, em vias de atender ao objetivo elencado na pesquisa. O que também alia-se à experiência pessoal dos autores, no intuito de compreender o fenômeno em sua subjetividade (Stake, 2011). Importante citar que o presente artigo foi desenvolvido no seio do Laboratório de Estudos Urbanos e Regionais da Universidade Federal de Pelotas (LEUR-UFPel). No âmbito do projeto de pesquisa 'Geopolítica e território: campos

hegemônicos e contra-hegemônicos' é tratada a relação entre espaço e poder — da sua instrumentalização estratégica por parte de Estados e outros atores — nas ações de cooperação e disputas empreendidas no território.

O processo de globalização: um breve balanço

Adentrando à discussão conceitual, o presente trabalho colhe influências da teoria dos sistemas-mundo, na medida em que a emergência do capitalismo é traçada à incorporação do restante do globo à estrutura sócio-econômica europeia (Wallerstein, 1979). Este centro hegemônico é capitaneado por determinados agentes estatais e privados, em diferentes momentos, com suas especificidades na acumulação de capital (Aramor, 2018). Giovanni Arrighi (1996) identifica quatro ciclos, sucessivamente guiados por Gênova, Países Baixos, Grã-Bretanha e Estados Unidos[2].

Para o seguinte estudo, no entanto, remete-se aos dois últimos períodos citados, focando em fatores que acentuam a interdependência transnacional. Para Ludmila Culpi (2016, p.31) é somente em meados do século XIX que propriamente se testemunha a "Primeira Era da Globalização". Caracterizada pela hegemonia inglesa na economia mundial, o período é conhecido como *Pax Britannica*, que por meio da inconteste liderança militar marítima garantiu a abertura dos portos e a liberalização econômica.

[2] Para abordar uma discussão sobre a atual transição hegemônica da economia-mundo, com enfoque nos desdobramentos para o ramo da soja, consultar Völz e Duarte (2025).

Assim, integrou o mercado consumidor das colônias e passou a acessar suas matérias-primas. Essa dinâmica alimentou a Revolução Industrial, que por sua vez, ampliava as tecnologias de integração, como as máquinas a vapor, as estradas de ferro e o telégrafo. Nesse sentido, viu-se a instalação de vários mercados financeiros e a exportação de máquinas para economias em emergência. O período termina com as duas grandes guerras, marcantes da disputa entre Inglaterra, França e Alemanha, além da decadência do pensamento liberal pós-crise de 1929.

A globalização, em sua segunda era, tem origem no estabelecimento dos EUA como potência hegemônica pós-1945 — consolidando-se em 1970, através de uma série de mecanismos. Dentre os mais notórios: institucionalização do comércio internacional, desregulamentação de mercados nacionais e dispersão de companhias transnacionais. Marcado na virada do milênio, por uma série de acordos comerciais de eliminação de barreiras e estabelecimento de blocos econômicos regionais, ainda que Culpi (2016) sublinhe que seus impactos vão muito além do caráter econômico.

Para Gregory Papanikos (2024), o futuro da globalização condiz com a intensificação de seu aspecto não só econômico, mas também cultural, social e democrático. Uma visão otimista da razão entre conexão econômica, queda na pobreza e melhoria da abordagem às questões ambientais. Enquanto Peter Zámborský, Zheng Joseph Yan, Snejina Michailova e Vincent Zhuang (2023) indicam um movimento complexo, com tendências de desglobalização e reglobalização que se sobrepõem. Ou seja, existem episódios de declínio da interdependência global e integração entre países, o que

se torna visível nos seguintes fenômenos: a) restrição das mais variadas circulações; b) escrutínio regulatório nas importações; c) mudanças políticas condizentes com agendas domésticas; d) *reshoring* da produção e; e) regionalização das Cadeias Globais de Valor. Enquanto também há ímpetos contrários, de flexibilização destes mesmos aspectos (Zámborský *et al.*, 2023).

A atual relação entre Estados e Empresas Transnacionais

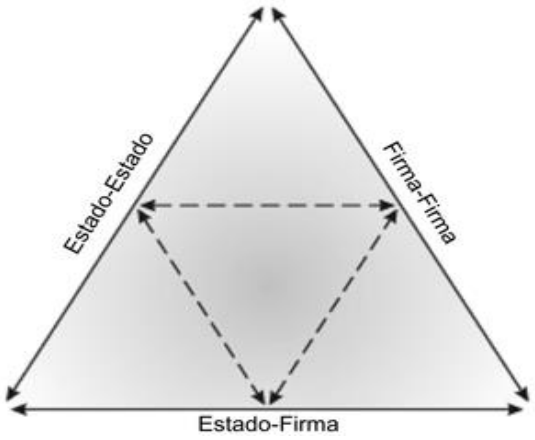
Muito embora para Peter Dicken (2011) o Estado nacional se mantenha como unidade básica da regulamentação política necessária ao funcionamento das redes de produção e forma territorial mais importante, há sua relativização. Enquanto as ETNs obtêm vantagens a partir das diferenças entre os regimes reguladores nacionais, os Estados buscam minimizar os impactos negativos de ingerências externas. Para o autor há uma interação multiescalar, em que os dois conjuntos de instituições podem tanto conflitar quanto colaborar.

Milan Babic, Jan Fichtner e Eelke Heemskerk (2017) defendem que o cenário global é composto por uma rede de atores que se sobrepõe, cujas relações de poder são distintas em cada arena e não devem ser determinadas *a priori.* Não que haja uma similitude completa: as corporações buscam segurança e garantia aos seus direitos de propriedade através do Estados, enquanto estes necessitam recolher tributos e de que seus cidadãos estejam empregados. Mas ambos são foco de disputas pela consolidação dos próprios interesses no capitalismo global.

Não só isso, é viável apontar que a própria lógica geopolítica é resultante das interações complexas estabelecidas por tais atores em

seu jogo de influências (Dicken, 2011). Em diálogo, reivindica-se a logística como fulcro do poder contemporâneo: mais especificamente, como geopolítica da corporação (Becker, 2008). Um nexo triangular, entre empresas e firmas, pode ser representado da forma adjacente:

Figura 2 - Relações de cooperação e disputa entre Estados e empresas



Fonte: Dicken, 2011, p.63.

Avalizando agora as especificidades dos três países focados na pesquisa. Primeiramente, pode-se realçar que as empresas privadas possuem um papel ímpar na sociedade norte-americana, visto que para Peter Hall e David Soskice (2006) seu modelo atende à uma economia de mercado liberal. Ou seja, os autores realçam a centralidade das firmas na coordenação das atividades em geral — que privilegiam relações impessoais, estabelecidas por meio de mercados competitivos. Nesse sentido, toda estrutura institucional nacional tende a priorizar a mobilidade de capital e a concorrência nos mais distintos setores. Em tal cenário, os mercados sujeitos ao controle corporativo visam lucrar, não somente através dos ganhos

produtivos, mas estão constantemente condicionados pelo seu desempenho acionário.

Já para o caso brasileiro, se recorre a Peter Evans (1980), segundo o qual as ETNs são agentes materiais do capital internacional, cuja atuação transcende a esfera econômica e reforça dinâmicas imperialistas. Essas corporações, ao maximizar lucros via estratégias planetárias, concentram decisões e inovações tecnológicas em polos centrais, alienando a força de trabalho periférica e desincentivando investimentos auto-sustentáveis em países dependentes. Sua influência estende-se à reconfiguração de estruturas sociais locais, ampliando desigualdades salariais e promovendo hábitos de consumo elitizados. Enquanto uma 'tríplice aliança', entre as ETNs, os Estados periféricos e suas burguesias nacionais, subordina populações para garantir a acumulação de capital. O ciclo imperialista se perpetua mediante a espoliação de recursos, reinvestidos em mecanismos econômicos, políticos e militares que disciplinam a mão-de-obra e preservam hierarquias globais, limitando o desenvolvimento autônomo das periferias.

Grande parte das pesquisas sobre multinacionais, inclusive, realçam que até os anos 1970, os fluxos de Investimento Estrangeiro Direto advinham basicamente de EUA, Reino Unido e Países Baixos (Babic; Fichtner; Heemskerk, 2017). Todavia, recentemente, potências emergentes vêm sendo associadas a um modelo de desenvolvimento econômico com importante participação de corporações estatais. Para o presente estudo, cumpre notar que determinados interesses geopolíticos podem, sim, ser facilitados pela transnacionalização de capital que as Empresas Transnacionais Estatais (ETNEs) permitem. Entretanto, também deve-se atentar à

dependência a qual um Estado pode ficar implicado nesse movimento — acerca da performance e até mesmo colaboração daqueles que gerenciam suas operações (Babic; Fichtner; Heemskerk, 2017).

Nessa questão, destaca-se a China, com 19,5% do total de empresas sob controle estatal e que atuam em outros países. Confirmando o papel do Estado na economia chinesa e sua estratégia de internacionalização (Babic; Fichtner; Heemskerk, 2017). Para Curtis Milhaupt (2017) um dos grandes entraves em compreender o caso chinês é que por muitas vezes o capitalismo corporativo possa ser estranho a observadores externos, ainda que familiar para aqueles que o operam. Mas assim como em demais países, os principais atores na economia chinesa são entidades jurídicas minimamente autônomas, com um conselho de administração e gestores nomeados, cujos interesses estão relacionados aos detentores das ações. Ainda que se argumente que sua grande novidade seria a proeminência de Empresas Estatais, países como Japão, Coreia do Sul e Singapura possuíram uma abordagem semelhante sobre a organização econômica (*Ibidem*).

O autor nota, porém, que o capitalismo corporativo chinês possui características distintas, como a centralidade do Partido Comunista da China (PCCh), que conta com órgãos dedicados ao monitoramento dos atores corporativos e a nomeação de gerentes de alto nível em empresas estatais, e até mesmo grandes empresas privadas. Há também uma ponte institucional entre grupos econômicos, empresas estatais e autoridades governamentais. De forma que o partido se torna um elo entre firmas, bancos, órgãos estatais e outras organizações, como universidades e institutos de pesquisa (Milhaupt, 2017.). Para Nana de Graaff (2019) a inserção

chinesa revela a integração pragmática às redes liberais, ainda que se mantenha um capitalismo coordenado pelo Partido, através do Estado.

Retomando a discussão sobre a presença de transnacionais estatais em solo brasileiro, há de se apontar que tal país é o sexto principal destino de ETNEs no globo, compondo uma série de aquisições estratégicas chinesas. O que pode indicar tanto alavancagem de projeção de poder, quanto fortalecimento de coesão econômica (Babic, Fichtner e Heemskerk, 2017).

Feito este sobrevôo, é possível realçar a específica coadunação de elementos geoeconômicos, sociais e culturais no objetivo de patrocinar a ascensão de determinadas ETNs e a importância de regiões específicas para tal encadeamento. Então envereda-se para o ramo da agrologística: este considera as especificidades do sistema agroindustrial no deslocamento dos produtos e insumos, centrado em fatores como o condicionamento, a pontualidade e os custos de gerenciamento, transporte e armazenagem (Pera; Caixeta-Filho, 2022).

Nessa toada, as cadeias de produção e distribuição de alimentos cumprem um papel central para a manutenção dos arranjos sociais. Primeiramente, em questão de segurança alimentar, mas também, devido às disputas de mercado travadas entre entes privados, mais ou menos atrelados aos interesses dos Estados.

A partir desta problemática, a seguinte seção se insere em um esforço geral, de analisar as transformações históricas dos países, buscando compreender as relações existentes entre os tipos selecionados para análise. O que se assinala é a soja como objeto de estudo privilegiado para compreender as dinâmicas atuais. Uma

imagem que não é estática: há um amplo debate sobre os desdobramentos do momento vigente, levando em consideração a ascensão de atores que competem por um melhor posicionamento na arena internacional. Nesse sentido, se buscará aprofundar na análise interrelacionando a trajetória histórica dos Estados e empresas centrais para a compreensão da evolução da cadeia da soja ao longo do tempo.

O modelo sojeiro estadunidense e a consolidação do grupo ABCD

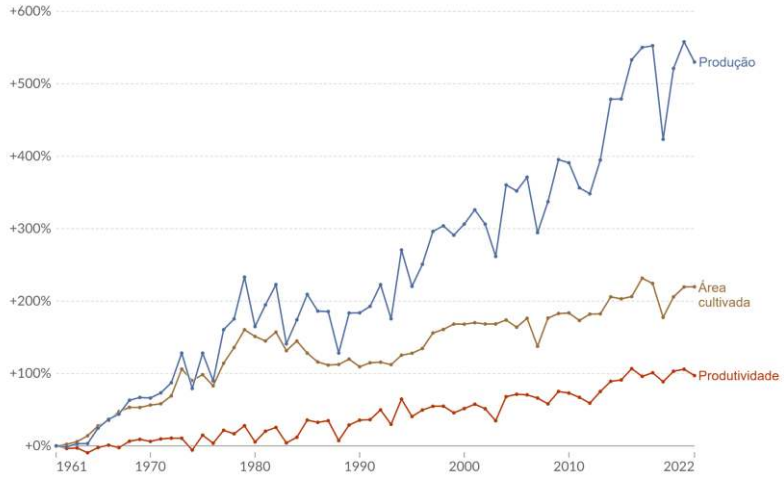
Historicamente o óleo de soja proveniente do nordeste da China e destinado à manufatura foi o principal insumo comercializado mundialmente. Mas no final do século 19, na Europa, floresciam descobertas sobre novas aplicações do esmagamento do grão, o que ia desde óleo comestível e substituto de manteiga até tinta, sabão e explosivos (Du Bois, 2018). Nesse momento também iniciam as pesquisas norte-americanas, mas é só nos anos 1930 que os EUA atingem uma maior produtividade e encontram uma aplicação lucrativa. Considerando que a unidade de soja produz 18% de óleo e 80% de farelo, foi primordial elaborar o *soymeal* para ração animal (Norberg; Deutsch, 2023). Assim, começaram a ser constituídos os elos de uma ampla cadeia de *commodity* e no ano de 1935 metade da soja estadunidense já era esmagada (*Ibid.*).

A exportação de óleos baratos vinha se expandindo e os contratos futuros da soja foram estabelecidos em 1937 na CBOT. Com a Segunda Guerra Mundial, a demanda emergencial pela alimentação com o grão concretizou suas rotas de venda, para posteriormente serem direcionadas às dietas de criações pecuárias.

No contexto de recuperação pós-guerra a carne atingiu um alto status de abundância e prosperidade, então sua produção barata se tornou uma prioridade política. Interagindo assim com o comportamento da American Soybean Association (ASA), que passou a se direcionar para altas de exportação sojícola e entrada em novos mercados. Foi então que se propiciou todo um processo de "*meatfication*" das refeições (Norberg; Deutsch, 2023, p.149).

Nascia ali o modelo sojeiro estadunidense: intensivo em capital e altamente produtivo, o que fica latente no gráfico 2. A partir do uso de técnicas que superam os constrangimentos ecológicos e dispensam a mão-de-obra, a atividade se industrializou. Inserida, assim, em uma longa cadeia fornecedora de insumos: sementes comerciais, herbicidas, pesticidas, adubos sintéticos, além do maquinário e dos sistemas de irrigação. Integrado em um sistema agroalimentar padronizado, o produto agrícola se torna um *output* especializado (Norberg; Deutsch, 2023). Conforme o cultivo se expandiu, ficou claro que o pacote tecnológico da soja deu privilégio competitivo para as grandes propriedades, agravando o êxodo rural e a concentração da terra (Denicoff; Prater; Bahizi, 2014).

Gráfico 2 - Transformação relativa entre 1961 e 2022 em produção, área cultivada e rendimento da soja nos EUA



Fonte: FAO, 2024.

Em paralelo, *traders* de grãos converteram suas infraestruturas de processamento para a soja, e buscaram fundir-se com outras empresas. Destaca-se a Archer-Daniels-Midland (ADM), que na década de 1920 passou a processar soja enquanto premiava sua dissipação entre agricultores. No ano de 1949 adentrou também na produção de farinha de soja, óleo comestível e margarina (ADM, 2024).

A Cargill, desde 1929, promove o padrão *Free on Board* (FOB) de comércio internacional — que incorpora os preços de financiamento e envio da carga já na sua venda. Ou seja, a infraestrutura necessária para adentrar em tal mercado assegura uma barreira à novos concorrentes (Norberg; Deutsch, 2023). Essa empresa também adquiriu centenas de moinhos e elevadores e foi pioneira na construção de barcaças e portos, além da construção de indústrias esmagadoras e de produtoras de ração (Cargill, 2024).

Já a Bunge, fundada em 1818 nos Países Baixos, 100 anos depois migrou para a América do Norte. Em 1935 compôs o setor dos grãos, acoplando-se a um terminal ferroviário de Minneapolis. (Bunge, 2024). Também devemos citar outra empresa de origem européia, fundada em 1852 por Léopold Louis-Dreyfus. Até o início do século XX esteve expandindo-se internacionalmente com o comércio de grãos, para que então se consolidasse nas oleaginosas americanas. Mas é após as grandes guerras que se nota uma presença realmente global da Louis Dreyfus Company (LDC), sacramentada em inúmeros novos escritórios (LDC, 2024; Cunha, 2020).

Então o que se confirma, além dos incentivos aos produtores e a aquisição de infraestrutura orientada para exportação, é a entrada desses *traders* na criação animal, gestão de propriedades agrícolas e atuação do setor de finanças, com cada vez maior participação na economia internacional (Norberg; Deutsch, 2023). Bem como, se estabeleceu a integração de tais ETNs às instituições norte-americanas e seus alinhamentos geopolíticos[3].

Mesmo que desde o início do século XX o grupo ABCD já controlasse a maior parte dos fluxos de oleaginosas, foi nos anos 1940 que se intensificaram as atividades *downstream* à comercialização. Nessa década Bunge e Cargill lançaram a tendência de adquirir portos e terminais férreos. Nos anos 1970 as corporações intensificaram os investimentos de estruturas locais para exportação, o que fez parte de uma onda de fusões e aquisições globais. Essa integração horizontal espraiou seus poderes,

[3]A participação de empresas transnacionais agroalimentares na projeção externa de poder dos EUA é aprofundada em Pompéia (2021, p.26-34) e Paula (2017).

incrementando as economias de escala e diversificando riscos (Norberg; Deutsch, 2023).

Em confluência, o grupo ABCD teve um importante papel, de direcionar a criação de animais para a especialização em sistemas intensivos, e os técnicos do ASA prestavam auxílio no espraiamento global do uso do bolo de proteína. Nesse sentido, a internacionalização do *US Soy-Meat Complex* advinha da necessidade de que o grão mantivesse seu preço sem grandes subsídios governamentais. Bunge, ADM e Cargill se consolidaram, do esmagamento à ração (Norberg; Deutsch, 2023), e hoje se calcula que 80% do grão de soja é destinado para alimentar criações (FAO, 2024)

Finalmente, deve-se dizer que houve um importante incremento de operações a montante, dando às ETNs um caráter de *financial trading*. A partir do ambiente de desregulação dos anos de 1990, percebe-se um forte aporte de fundos de investimento e pensões, que convertem seus ativos para o mercado de *commodities* através de tais empresas. O que atinge outro patamar quando se avalia o acesso que as *traders* têm aos mais distintos elos e setores. Ou seja, devido à privilegiada posição de controle e coordenação dos mercados, há uma importante vantagem informacional sobre as tendências futuras, e até mesmo o poder de moldá-las. O que, por sua vez está estreitamente ligado ao movimento de financeirização de produtos agrícolas, que os converte em derivativos de mercados de câmbio futuro, distanciando-os do seu ambiente biofísico e eclipsando suas relações produtivas sob complexas cadeias de valor (Clapp, 2015).

Na atualidade, os EUA se mantêm como um importante ator na cadeia da soja, sediando grande parte das atividades de maior valor agregado, além do grande peso de sua produção agrária. O que se nota é um histórico de mútuo benefício entre o eixo geopolítico alinhado aos EUA e as ETNs que interagem estreitamente com tais Estados. Todavia, recentemente existem certas transformações nas dinâmicas dos atores. A seguir, nos debruçarmos sobre a alta demanda de soja por parte da China e até mesmo a abrupta entrada de suas ETNEs no mercado em questão.

China: a relevância histórica da soja e sua reafirmação através da COFCO

As raízes da cultura da soja remetem à sua domesticação na civilização nascida às margens do Rio Amarelo. Um sistema intensivo já vinha se consolidando 200 anos antes da Era Comum no norte da China e suas aplicações se concentravam no tempero alimentar, adubo para plantio e nutrição dos porcos (Norberg; Deutsch, 2023).

Ao longo do tempo o nordeste chinês se tornou um fornecedor internacional de soja, seja para produção de comida e bolo fertilizante no Japão, ou óleo e gordura para o Ocidente. Porém, no contexto da disputa inter-imperial na segunda metade do século XIX, a China foi perdendo o controle sobre esse território. Na sequência das Guerras do Ópio e dos Tratados Desiguais que impuseram a abertura do mercado sínico aos atores externos, a Grã-Bretanha estabeleceu a Chinese Maritime Customs Service (CMCS) em 1854, tornando o porto de Niu-chwang a espinha dorsal do comércio costeiro.

Possibilitou, assim, a participação de grandes *traders* inglesas no principal *hub* de comércio de soja do globo (Norberg; Deutsch, 2023).

Fraturada por rebeliões, a fraqueza chinesa também despertou a cobiça de impérios, como o czarista russo, que logrou avançar sobre a região manchu em 1858. E o Japão, que a invadiu em 1894 e estabeleceu o estado-fantoche Manchukuo — assim, foi consolidado o monopólio do escoamento da soja na criação da South Manchurian Railway (Du Bois, 2018).

Tendo em conta o transporte de carregamentos com soja para a Bretanha e os EUA através da firma japonesa Mitsui Bussan Kaisha, nesse momento o grão entra na fase de *commodity* global. A situação da Manchúria, todavia, seria radicalmente transformada com a desintegração do império nipônico no pós-guerra de 1945 e a forma que executou a retirada da região, destruindo toda sua infraestrutura de transporte e processamento sojeiro (Norberg; Deutsch, 2023).

Portanto, ao esquadrinhar-se a datação que engloba as fases da globalização aqui expostos, se percebe, em paralelo, os cenários adversos vivenciados pela China. Durante o modelo colonial-exportador a integração chinesa foi limitada e específica. Marcado pelo envio de alguns produtos para as metrópoles industriais, como chá e especiarias, e intensificado através da abertura forçada dos portos e a consequente entrada de trigo e ópio. Todavia, a alimentação autossuficiente, através da produção agrícola de pequenas propriedades e descentralizada se mantinha.

No momento seguinte, houve outras questões que a apartaram do desenvolvimento da estrutura política e institucional internacional. Após a Revolução Comunista de 1949, a agricultura

foi reorganizada em torno de comunas coletivas, intensificando o isolamento em relação aos mercados globais. O que se somava a pressões externas e embargos econômicos.

Cenário que se modificaria através das reformas de 1970, quando da integração gradual ao capital extrangeiro (Ding; Meng, 2018). Na década seguinte presenciou-se o espraiamento de tecnologias inspiradas no modelo agroindustrial, além da exportação de vegetais e peixes e a importação de soja e carne.

A partir de David Harvey (2003) pode-se dizer que a reemergência da China também esteve ligada ao processo de *offshoring* produtivo, atendendo à necessidade capitalista de acumulação em novos espaços e condições sociais. Nesse sentido, alianças entre autoridades chinesas e investidores externos influenciaram decisivamente o *upgrade* industrial do país (Fares, 2024).

A integração na cadeia global da soja, portanto, correspondeu primariamente aos interesses de ETNs do agronegócio (Yan *et al.,* 2016). Considerando a hegemonia norte-americana corrente, o grupo ABCD contou com as influências multi e bilateral no esforço de liberalização do grão (Fares, 2024). A partir de 1995 o governo central chinês reduziu as tarifas de importação do grão de 114% para 3%, e a membresia à Organização Mundial de Comércio no ano de 2001, marca a queda de restrições também para derivados (Yan *et al.*, 2016).

Hoje, se pode notar uma proeminência da soja no rol de aquisições agrícolas chinesas, correspondente à sua terça parte (Good, 2019). Enquanto a produção doméstica, livre de OGMs, é direcionada ao consumo direto de sua população. Ou seja, a China

assumiu o papel de importante compradora do grão: 63% do mercado mundial, majoritariamente advindo de Brasil e EUA (Norberg; Deutsch, 2023).

Fruto da própria urbanização e décadas de *lobbing* de ETNs, a China se inseriu no *soy-meat complex,* e hoje é a maior produtora de carne do mundo (Norberg; Deutsch, 2023). Por outro lado, a política de prioridade dos três grãos estratégicos (arroz, trigo e milho) faz com que não seja destinada área suficiente para o cultivo da soja (Schneider, 2014). Assim, o mercado em expansão, o impacto das monções e as influências externas, geram preocupações geoestratégicas (Chaves *et al.*, 2005). Principalmente ao considerar as disputas tarifárias entrincheiradas desde 2018 (Gale; Valdes; Ash, 2018). Políticas recentes do PCCh estabeleceram três anos para diminuir a dependência externa de fornecimento do farelo de soja nas rações (ASAG, 2024; MARA, 2024) com expectativas de atingir uma redução de 6.8 mi/ton (ChinaFeed, 2023; GACC, 2024).

Também podemos arregimentar outros fatores chave, como o inédito registro de 17 variedades de soja transgênica liberadas para testes em solo chinês (USDA, 2024b; 2024c) e a capacidade de países africanos a atender sua demanda no futuro, visto o clima semelhante ao brasileiro e a capacidade a se adaptarem às suas tecnologias de plantio de soja (Burns, 2024).

Entretanto, o ponto mais significativo da inserção global chinesa no ramo é a reestruturação da COFCO. Tal empresa estatal se projetou externamente nos anos 1990 e hoje capta mais da metade de seu lucro em tais atividades (COFCO, 2024b). Portanto, se firma como uma importante rede de logística global, cujo núcleo é o comércio de grãos e outros produtos agrícolas.

Suas operações também se espalham pelos setores alimentício, financeiro e imobiliário (COFCO, 2024b). Com base em Chao Yang District, Beijing (COFCO, 2024a), foi fundada em 1949 para exercer monopólio da importação e exportação de *commodities*-chave. Se mantém como líder agroindustrial do país, alimentando ¼ da população mundial (Cunha, 2020). Para a própria COFCO (2024b), uma das suas maiores realizações está na consolidação de um corredor que liga as regiões produtoras de grãos aos mercados asiáticos emergentes.

A soja no Brasil e o papel das *traders*

Já para o Brasil, a entrada da soja é derivada de uma série de transformações acerca da interferência estatal no campo. Primeiramente, é preciso tratar da contribuição na formulação da noção de *agribusiness*, partindo dos EUA. Tal termo visou convergir as experiências de negócios nos ambientes acadêmico, privado e estatal — abarcando analiticamente o fluxo de insumos industriais à montante e jusante do sistema agroalimentar (Pompéia, 2021). Assim, no ambiente da Guerra Fria, a transnacionalização de atores do agronegócio visava cimentar a participação norte-americana em setores emergentes do terceiro mundo (*Ibid.*).

No Brasil, tal influência se deu a partir da entrada de empresas de insumo e de logística, juntamente da colaboração de instituições estadunidenses com agentes locais (Mello; Brum, 2019). A relevância do enfoque no agronegócio vislumbrava na interconexão dos setores primário, secundário e terciário uma oportunidade de crescimento a partir de investimentos externos (Pompeia, 2021). Nos anos de 1960 há uma intensificação desta promoção, principalmente no período

militar, através de bancos estatais e da construção de infraestrutura (Mello; Brum, 2019).

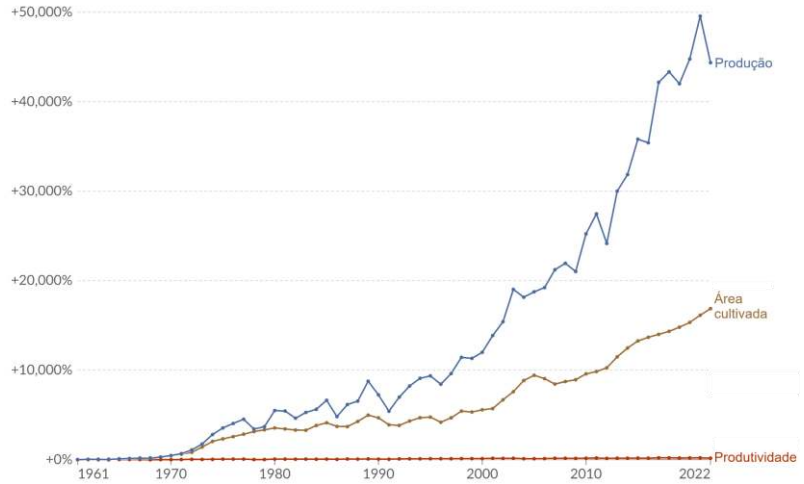
Outrossim, realça-se o papel do instituto público de pesquisa fundado em 1972, chamado EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), e que conseguiu elaborar uma variante de soja altamente produtiva em regiões de baixa latitude (Burns, 2024) e consolidá-la por meio da extensão rural (Norberg; Deutsch, 2023).

Já nas duas décadas seguintes, o apoio estatal se concentrou nos setores de maior valor agregado, como o óleo vegetal. Consequentemente, o quarteto ABCD direcionou investimentos ao processo de esmagamento, o que possibilitou a instalação da manufatura de ração e a expansão de um setor suíno e avícola baseado na oleaginosa (Norberg; Deutsch, 2023).

Na virada do milênio, o lançamento da variedade Monsanto resistente ao herbicida glifosato e a entrada da China no mercado mundial geraram outra importante mudança. O que se somou ao *lobby* ruralista no Congresso brasileiro, capaz de garantir suporte para inovações, investimentos direcionados e empréstimos com juros reduzidos. Somente no ano de 2023, o financiamento direcionado ao setor do agronegócio girou em torno de U$ 73 bi (Burns, 2024).

Tais fatores confluem: desde 2018 o Brasil é o primeiro produtor mundial de soja, com 154.566,3 mi/ton (EMBRAPA, 2024). Como se nota no gráfico 3, sem que houvesse importante melhoria na produtividade, tal estirada dependeu do avanço da fronteira agrícola.

Gráfico 3 - Transformação relativa entre 1961 e 2022 em produção, área cultivada e rendimento da soja no Brasil

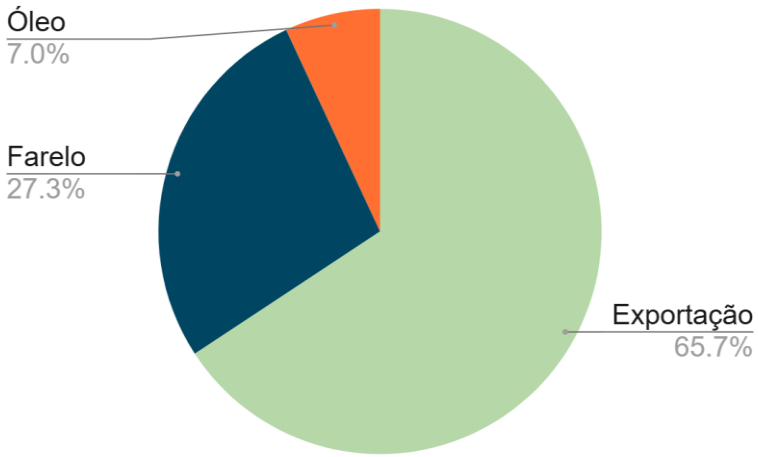


Fonte: FAO, 2024.

É notório o salto de 16 Mmha cultivados no ano 2000, para os 44 Mmha da safra 2022/2023 (CONAB, 2024). Assim, o grão mais produzido no país demanda área superior ao dobro do segundo colocado, o milho (USDA, 2024d). Nessa toada, a soja brasileira se insere no *boom* de demanda por *commodities* (Søndergaard, 2018). Também deve-se recordar que a América do Sul possibilita uma estação de plantio mais longa, e consequentemente duas colheitas no ano (Burns, 2024).

Cunha e Espíndola (2015) justificam que a alta no ramo esteve ligada a um conjunto de fatores: as características naturais e a existência de um Sistema Nacional de Inovação do Brasil, além da forte busca internacional por fonte de proteína vegetal para a produção de carne. Principalmente por parte da União Europeia (UE) e China (Wilkinson; Escher; Garcia, 2022). Como pode ser visto a seguir, o destino para produção interna pouco se aproxima do volume exportado *in natura*.

Gráfico 4 - Porcentagem do emprego da soja em grão produzida pelo Brasil em 2023



Fonte: ABIOVE, 2024.

Em outro estudo, Batista e Brum (2022) identificam certa relação entre a taxa de juros média anual praticada pelos estadunidenses e o volume de negociação de contratos futuros de soja entre 2006 e 2020, sem, no entanto, ignorar o papel de demais variáveis de influência. Dá-se ênfase ao 'efeito china', tendo em vista a janela de oportunidade aberta pela demanda do seu modelo de desenvolvimento. O que gerou intensificação da relação estratégica entre Brasília e Pequim no pós-crise de 2008. De 2007 a 2017 as exportações de soja Brasil-China cresceram 300% — abocanhando dois terços das movimentações na cadeia e 80% da quantia em grãos (Trase, 2018).

A participação chinesa na arena global vem impactando a própria organização econômica da soja no território nacional. Enquanto o primeiro vem intensificando fortemente a industrialização do grão importado, o segundo aumenta a produção

de soja, sem que o processamento acompanhe o movimento. Uma estagnação relativa que contrasta com as possibilidades da sua matriz. (USDA, 2024a).

Outra questão deficitária está no armazenamento, muito abaixo da capacidade dos EUA e majoritariamente dominado por companhias estrangeiras (CNA, 2023). O que denota dependência dos produtores para com atravessadores. Quanto à rede logística, no Brasil de 2023, 54% da soja foi transportada via caminhão, 33% por trem e 12% em barcaças. Já nos EUA, 14% do transporte foi rodoviário, 38% ferroviário e 48% fluvial (Salin, 2024). Becker (2008, p.12) atentou para a competitividade do transporte rodoviário frente aos custos operacionais e complexibilidades da matriz multimodal. Já para Henrique Alvarenga (2020) é necessário aprimorar o uso dos modais, conforme sua vocação. Principalmente para a soja, que necessita de volumes que compensem o baixo valor agregado.

Nesse sentido, investimentos no Rio Amazonas e o asfaltamento da rodovia BR-163, que liga Mato Grosso e Pará, vem derrubando custos de combustível e manutenção (Alvarenga, 2020). Tendo em vista que há sobrecarga nos pontos de escoamento das regiões Sul e Sudeste (Lopes; Lima; Ferreira, 2016). Porém Joana Colussi e Gary Schnitkey (2022) realçam déficits estruturais, como a falta geral de padronização que demanda transbordo de cargas e ajustes nas locomotivas e vagões. Também se aponta que o Brasil investe em torno de 0,5% do PIB em logística, enquanto o percentual de EUA e China está em 2% (Salin, 2024).

No mais, apesar do espraiamento da soja no campo brasileiro aquecer sua capitalização e gerar receitas para a união, tal desenvolvimento econômico tende a dar-se de forma extremamente

desigual (Bandeira; Dutra; Mazzin, 2019). O monocultivo mecanizado da soja também agrava a precarização do trabalho, a concentração de terra e a diminuição da diversidade de cultivos, o que impacta aspectos locais quanto à segurança alimentar (Søndergaard, 2018).

A tendência de alta no preço da soja brasileira (CEPEA, 2025) e no faturamento no complexo sojeiro é contrastada com a queda do percentual da participação agrícola na composição do PIB. Há de se salientar a baixa do subramo industrial (AGROSTAT, 2024), que confirma a tese de reprimarização do país. Uma percepção que é fortalecida por Dicken (2011): apesar da longa história de industrialização, a participação do Brasil na economia mundial centrada em *commodities* o mantém altamente vulnerável às flutuações do mercado.

Niels Søndergaard (2018) realça que, muito embora os estágios de ligação externa com as cadeias de *commodities* se deem através de operadores estrangeiros, a produção agrícola doméstica mantém-se sob domínio de capital brasileiro. Um processo que, todavia, direciona o enfoque do agronegócio para a esfera internacional e incrementa as dinâmicas de financeirização.

O que transparece na atuação do grupo brasileiro Amaggi, na valorização estratégica da terra e na ligação mercantil-financeira com *tradings* internacionais. Tal empresa é fruto da expansão da fronteira agrícola, do apoio estatal ao projeto de Integração Nacional e de intensa integração vertical (Becker, 2008, p.9). Além de maior produtora privada de soja no mundo, engloba os ramos da produção de sementes e fertilizantes, armazenamento e comercialização de *commodities* agrícolas, navegação fluvial e produção de energia

hidrelétrica (Oliveira; Hecht, 2016). Além de compor diversas *joint ventures,* estratégicas para o grupo ABCD (Pressinott, 2024).

Desde a década de 1990 o mercado do Brasil presencia outro patamar de participação das intermediárias, comumente designadas companhias ABCD (Escher; Wesz, 2022). No intervalo de 2010-2015 cada uma de tais empresas mantiveram fatias maiores que 5% do mercado em todos os anos, coletando, somadas, 59% da terra utilizada para soja exportada. Movimentaram, então, 57% do valor (Trase, 2018).

Em contraponto, o recente estabelecimento da chinesa COFCO no Brasil, se deu na esteira das incorporações da Noble Agri e da porção da América do Sul da Nidera no ano de 2014. O que transparece no seu alcance instantâneo à quinta colocação das transações brasileiras, ultrapassando a Amaggi (Reis *et al.* 2024). Desde então o país é central para a COFCO International, haja visto que localiza 70% da sua força direta de trabalho (Milhorance; Locatelli, 2020). Abaixo, o histórico de exportação dos cinco maiores grupos:

Gráfico 5 - Volume de soja brasileira comercializada

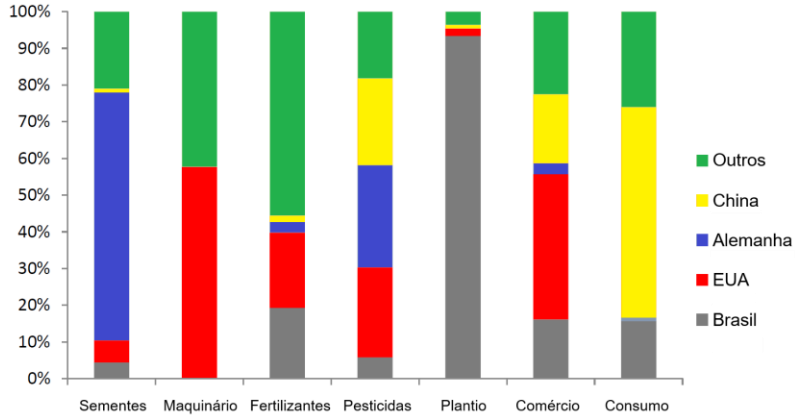


Fonte: Trase, 2024.

Enfim, todas as citadas ETNs assemelham suas estratégias de integração vertical no Brasil. Uma rede de infraestrutura, com silos, armazéns, unidades de esmagamento, linhas de trem e portos. Também buscam se consolidar em locais específicos: em ⅔ dos municípios brasileiros sojicultores mais da metade das exportações se concentram em um só *trader*. E mais, ⅕ dos municípios entregou toda sua produção a apenas um exportador (Trase, 2018).

Revisando a seção, se acentua a inserção do Brasil na cadeia da soja. Porém Søndergaard (2018) realça a dependência de insumos importados, tal qual pesticidas, fungicidas, herbicidas e fertilizantes, além das consequências degenerativas presenciadas no solo, na água e na biodiversidade — sem que haja retorno adequado à sociedade. Como apresentado a seguir, tarefas agroindustriais chave tendem a ser executadas por firmas estrangeiras:

Gráfico 6 - Nacionalidade das empresas do setor da soja, conforme a fatia de mercado brasileiro na colheita 2019/2020



Fonte: Medina e Thomé, 2021, p.09.

Portanto, Elisa Pinheiro de Freitas (2021) argumenta pela necessidade do agronegócio brasileiro se nortear pela participação em etapas de melhor remuneração do capital, em contraponto às práticas de baixa capilarização territorial praticadas pelas *traders*. Se visa assim, retomar a soberania de recursos, não só escassos, mas vitais para a reprodução social.

Discussão e considerações finais

Por fim, nota-se que o território brasileiro está integrado às redes das citadas empresas, embora retenha poucos benefícios sócio-econômicos no processo. Como mencionado, a Amaggi, empresa ETN mais relevante do setor com sede no Brasil, direciona sua gestão para a esfera de ação de outras *tradings*, ao mesmo tempo em que grande parte dos recursos por ela comercializados são indiretamente demandados pela China. Ou seja, a participação do expoente brasileiro está aquém da atuação dos entes privados internacionais que se inserem nas disputas pela monopolização do capital.

Há latente exemplo no papel da EMBRAPA, elaboradora de variedades que podem ser cultivadas em distintos biomas brasileiros. Contraditoriamente, a proeminência da Monsanto[4] e demais companhias forasteiras garantem dominação tecnológica e retenção de lucros da semente transgênica imune à defensivos agrícolas (Filomeno, 2012).

Também foi aventado que o modelo sojeiro elaborado nos EUA é baseado na extração intensiva, mecanizada e dependente de insumos. O que está esclarecido desde o criador na idéia de *agribusiness*, segundo o qual o Estado deveria apoiar a expansão dos agricultores com maiores unidades e capazes de gerir seus fatores produtivos em direção à integração com o mercado (Davis, 1956 *apud* Pompéia, 2021, p.21).

Partindo de uma perspectiva crítica, pode-se concluir que o modelo mencionado reflete uma lógica que prioriza o lucro e a maximização da produção. Seu espraiamento visa atender a novos hábitos de consumo e se dá em detrimento de uma consideração mais profunda sobre os impactos das ações de seus agentes.

No contexto brasileiro, aponta-se que a estrutura do setor é construída por uma tríplice aliança entre o capital internacional, o nacional e o Estado brasileiro. Desta forma, a inserção do país perpetuou uma relação de dependência em relação às Grandes Potências e suas corporações — limitando a capacidade de promover um desenvolvimento sustentado.

[4]Em Junho de 2018 a norte-americana Monsanto foi adquirida pela alemã Bayer, intensificando a concentração oligopolística do ramo dos pesticidas e das sementes (Araujo, 2022).

Assim, a incorporação do país no eixo global do trabalho está submetida a uma longa cadeia produtiva, dependente do *input* de insumos importados. A dizer, grande maioria da soja é exportada em grão, sem agregação de valor, o que remete a uma reprodução simples de capital. De forma que a presença das ETNs em múltiplos elos da cadeia — do fornecimento de insumos e crédito à infraestrutura de logística e comercialização — funciona tanto como oligopólio quanto oligopsônio (Milberg; Winkler, 2013, Søndergaard, 2018).

Nesse cenário, grandes corporações, como as que compõem o grupo ABCD, foram responsáveis pela modelagem e padronização do setor. Através de integração vertical e horizontal, é influenciada a produção, controlada a transformação e exportação de grãos, além de promovidos o consumo de produtos derivados. Em contraposição, a COFCO emula tal modelo comercial, em vias de atender os interesses de seu Estado de origem.

Dessa forma, se evidencia o complexo cenário de cooperação e disputa que permeia os pólos de poder. A China efetua integração logística com ETNs estrangeiras, mas não permite a inserção destas na alocação interna de recursos. Por outro lado, a COFCO mantém uma participação limitada na economia estadunidense. Então fica evidente a assimetria na posição do Brasil em relação aos demais — sem uma ETN que compita com o oligopólio vigente ou se posicione de forma autônoma — quando transpassado pelos fluxos dos atores externos.

Portanto, no tabuleiro internacional, as cinco maiores *traders* do grão influenciam o comportamento não só de EUA e China, mas notoriamente do Brasil. Tendo em vista que os posicionamentos

geoestratégicos neste setor são mediados pela forma como as atividades empresariais se expressam espacialmente e como o modelo de negócio construído define o poder econômico na cadeia. Há então, um vínculo entre as escalas local e mundial, que é constituído e reafirmado pelas ETNs.

Essas constatações refletem na atuação das companhias, como esta marginaliza atores locais, aprofunda a divisão internacional do trabalho e cristaliza desigualdades espaciais. Paralelamente, os custos socioambientais — como a degradação de biomas e a concentração fundiária — contrastam com a retenção privada de lucros, evidenciando um desequilíbrio estrutural.

Referências

ABIOVE. *Estatísticas Cadeia da Soja 2024*. Associação Brasileira de Óleos Vegetais. 2024. Disponível em: https://abiove.org.br/estatisticas-cadeia-da-soja/ Acesso em: 02 set. 2024.

ADM. 2023. *Annual Report*. Archer Daniels Midland Company. 2024. Disponível em: https://investors.adm.com/financials/annual-reports/ Acesso em: 10 agos. 2024.

AGROSTAT. *Estatísticas de Comercio Exterior do Agronegócio Brasileiro*. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. 2024. Disponível em: https://mapa-indicadores.agricultura.gov.br/publico/extensions/Agrostat/Agrostat.html Acesso em: 20 jul. 2024.

ALVARENGA, Henrique. *Matriz de transportes do Brasil à espera dos investimentos*. ILOS - Instituto de Logistica e Supply Chain LTDA. Disponível em: https://ilos.com.br/matriz-de-transportes-do-brasil-a-espera-dos-investimentos/ Acesso em: 06 Jan. 2025.

ARAMOR, Mariana Helena. Os ciclos sistêmicos de acumulação e o continente africano: uma análise sobre o comércio de escravos na economia-mundo capitalista. *Revista de Iniciação Científica da FFC*, v. 18, n. 2, 2018.

ARAUJO, Yuri Candido de. *Fusão e aquisição nas empresas de agroquímicos:* estudo de caso da Bayer e Monsanto Company. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Econômicas) — Escola de Direito, Negócios e Comunicação, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2022. Disponível em: https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/handle/123456789/5379. Acesso em: 27/02/2025.

ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX:* dinheiro, poder e as origens de nosso tempo. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: Editora UNESP, 1996. 393 p.

ASAG.*搜索结果*. 国家粮食和物资储备局科学研究院 - Academy of Science, National Food and Strategic Reserves Administration . 2024. Disponível em: http://sousuo.ags.ac.cn:8087/was5/web/search?page=2&channelid=298899&searchword=%E5%A4%A7%E8%B1%86&keyword=%E5%A4%A7%E8%B1%86&perpage=10&outlinepage=10&&searchscope=&andsen=&total=&orsen=&exclude=&orderby= Acesso em: 03 set .2024

BABIC, Milan; FICHTNER, Jan; HEEMSKERK, Eelke M.. States versus Corporations: Rethinking the Power of Business in International Politics. *The International Spectator*, v. 52, n. 4. p.20-43. 2017. DOI:10.1080/03932729.2017.1389151

BANDEIRA, Silvana de Matos. DUTRA, Éder Jardel da Silva, MAZZIN, Luiz Fernando. As transformações na relação campo-cidade no município de Canguçu/RS. *Boletim Gaúcho de Geografia***,** VOL. 46, Nº 1/2. 2019.

BATISTA, Guilherme; BRUM, Argemiro Luis. Geopolítica da commodity soja no Brasil e no mundo no período de 2006/2020 *In:* III Simpósio Latino-Americano de Estudos de Desenvolvimento Regional (SLAEDR). Ijuí, 08 a 11 de novembro de 2022. *Anais do* [...] v.3 n.1. n.p.2023. DOI:10.34117/bjdv6n10-049

BECKER, Bertha K. Reflexões sobre a Geopolítica e a Logística da Soja na Amazônia. *In*: BECKER, Bertha; ALVES, Diógenes; da COSTA, Wanderley (Org.). *Dimensões Humanas da Bisofera-Atmosfera na Amazônia*. São Paulo: EDUSP, 2007, v.1, p.113-128.

BETHLEM, Isadora Vercesi; LIMA, Roberto Arruda de Souza; LIMA, Lilian Maluf de. The impact of the USDA soybean crop condition reports on CBOT futures prices. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, v. 61, n. 2, e257641, p.1-13 2023. DOI:10.1590/18069479.2022.257641

BDTD. *Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações.* Instituto Brasileiro de Informação em ciência e tecnologia. Brasília, DF. 2024. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/ Acesso em: 13 set. 2024.

BUNGE. *Conectados por um amanhã melhor.* BPBUNGE. 2024. Disponível em: https://www.bunge.com.br/#:~:text=Somos%20líderes%20mundiais%20em%20processamento,combustíveis%20essenciais%20para%20o%20mundo Acesso em: 20 jul. 2024.

BURNS, Nick. *The Past, Present and Future of Soy in South America.* Americas Quarterly. 02 Out. 2024. Disponível em: https://www.americasquarterly.org/article/the-past-present-and-future-of-south-american-soy/ Acesso em: 10 Jan. 2025.

CAPES. *Catálogo de Teses e Dissertações.* Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. 2024. Disponível em: Https://Catalogodeteses.Capes.Gov.Br/ Acesso em: 13 Set. 2024.

CARGILL. *2024 Annual report.* Cargill, Incorporated. 2024. Disponível em: https://www.cargill.com/about/2024-annual-report Acesso em: 21 jul. 2024.

CEPEA. *Consulta ao Banco de Dados, Séries de Preços ESALQ/BM&FBOVESPA*. Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada. CEPEA-USP/CNA, 2025a. Disponível em: https://www.cepea.esalq.usp.br/br/consultas-ao-banco-de-dados-do-site.aspx Acesso em: 30 Jan. 2025.

CHAVES, Adilson de; COSTA, Eduíno; DESCOVI, Leônidas; DINIZ, Rodrigo; SEIDEL, Roberto; RUHOFF, Anderson Luis.

Geopolítica da soja: capital e contexto internacional. *in* Anais do eixo agronegócio: III Simpósio Nacional de Geografia Agrária. *Anais eixo agronegócio.* Presidente Prudente: Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária em São Paulo, v. 3 n. 1. n.p. 2005.

CHINAFEED. *饲用豆粕用量占比如何再降1.5个百分点？*. 饲料市场信息网/China Feed. 2023. Disponível em: http://www.chinafeedm.com/h-nd-23086.html Acesso em: 19 Dez. 2024.

CLAPP, Jennifer. ABCD and beyond: From grain merchants to agricultural value chain managers. *Canadian Food Studies / La Revue canadienne des études sur l'alimentation*, v. 2, n. 2, p.126, set. 2015.

CNA. *Diagnóstico da armazenagem agrícola no Brasil.* Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil/ Grupo de Pesquisa e Extensão em Logística Agroindustrial da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq-LOG). Universidade de São Paulo (USP). 2023. Disponível em: https://www.cnabrasil.org.br/storage/arquivos/Relato_rio-Armazenagem-_PARTE01_CAP-01-AO-05_compressed-1.pdf Acesso em: 06 Jan. 2025.

COFCO. *2023 Sustainability Report.* China Oil and Foodstuffs Corporation. 2024a. Disponível em: https://www.cofcointernational.com/sustainability/sustainability-reporting/2023-sustainability-report/ Acesso em: 21 ago 2024

COFCO. *COFCO Capital.* China Oil and Foodstuffs Corporation. 2024b. Disponível em: https://www.cofco.com/en/Investors/Zhongyuan_Special_Steel/ Acesso em: 21 ago 2024.

COLUSSI, Joana; SCHNITKEY, Gary. *Investments in Brazilian Grain Transportation Shrink U.S. Logistical Advantage*. farmdoc daily. n.12 v.8, Department of Agricultural and Consumer Economics, University of Illinois at Urbana-Champaign, 2022. Disponível em: https://farmdocdaily.illinois.edu/2022/01/investments-in-

brazilian-grain-transportation-shrink-u-s-logistical-advantage.html Acesso em: 05 Jan. 2025

CONAB. *Nova estimativa para a produção de grãos na safra 2023/2024 está em 297,54 milhões de toneladas*. Companhia Nacional de Abastecimento. 2024. Disponível em: https://www.conab.gov.br/ultimas-noticias/5579-nova-estimativa-para-a-producao-de-graos-na-safra-2023-2024-esta-em-297-54-milhoes-de-toneladas Acesso em: 22 jul. 2024.

CULPI, Ludmila Andrzejewski. *Empresas transnacionais:* uma visão internacionalista. Curitiba: InterSaberes, 2016. 224 p.

CUNHA, Roberto César Costa. *A geoeconomia da cadeia produtiva da soja no Brasil***.** Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Florianópolis, 2020.

CUNHA, Roberto César. ESPÍNDOLA, Carlos José. A dinâmica geoeconômica recente da cadeia produtiva da soja no Brasil e no mundo. *GeoTextos*, Salvador, vol. 11, n. 1, p.217-238. 2015. DOI:10.9771/1984-5537geo.v11i1.12692

DENICOFF, Marina R.; PRATER, Marvin; BAHIZI, Pierre. *Soybean Transportation Profile.* Agricultural Marketing Service - Transportation and Marketing Programs, Research Reports 187160, U.S. Department of Agriculture, 2014. DOI:10.9752/TS203.10-2014

DICKEN, Peter. *Global shift:* mapping the changing contours of the world economy. 6. ed. Nova Iorque: The Guilford Press, 2011. 625 p.

DING, Xuedong; MENG, Chen. *From World Factory to Global Investor:* A Multi-Perspective Analysis on China's Outward Direct Investment. New York: Routledge. 2018. 300 p.

DU BOIS, Christine M. *The Story of Soy.* London: Reaktion Books. 2018. 272 p.

EMBRAPA. *Soja em números (safra 2023/24).* Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. 2024. Disponível em: https://embrapa.br/soja/cultivos/soja1#:~:text=O%20Brasil%2

0é%20o%20maior,foi%20de%203.508%20kg%2Fha. Acesso em: 23 jul. 2024.

ESCHER, Fabiano. WESZ, Valdemar João Jr. Dinâmica recente do complexo soja-carne Brasil-China no contexto do Cone Sul. *Campo-Território: revista de Geografia Agrária, Uberlândia.* v. 17, n. 46, p.131-151, 2022.

ETC. *The Food Barons:* Crisis Profiteering, Digitalization and Shifting Power. ETC Group - Action Group on Erosion, Technology and Concentration. 2022. Disponível em: https://www.etcgroup.org/content/food-barons-2022 Acesso em: 26 jul 2024.

EVANS, Peter. *A tríplice aliança:* as multinacionais, as estatais e o capital nacional no desenvolvimento dependente brasileiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

FAO. *Online database.* Food and Agriculture Organization of the United Nations. 2024. Disponível em: http://www.fao.org/faostat/en/#data. Acesso em: 14 jul 2024.

FARES, Tomaz Mefano. What does the mid-1990s soybean liberalization tell us about the role of foreign investment in China's rural industrialization? *Review of International Political Economy,* v. 31 n.4, p.1173-1196. 2024. DOI:10.1080/09692290.2023.2295371

FILOMENO, Felipe. A mudança institucional em perspectiva histórico-mundial: competição transnacional e propriedade intelectual na agricultura de soja da América do Sul. *In*: FILOMENO, Felipe; VIEIRA, Pedro Antonio; VIEIRA, Rosangela de Lima (org.). *O Brasil e o Capitalismo Histórico:* passado e presente na análise de sistemas-mundo. São Paulo: EdUNESP, 2012. p.297-327.

GACC. *General Administration of Customs***.** People's Republic of China. 2024. Disponível em: http://english.customs.gov.cn/ Acesso em: 03 set .2024

GALE, Fred; VALDES, Constanza; ASH, Mark. *Interdependence of China, United States, and Brazil.* Oil Crops Outlook No. (OCS-19F-01) Washington: USDA Economic Research Service, 2019. 48 p.

GILL, Stephen; LAW, David. Global Hegemony and the Structural Power of Capital. *International Studies Quarterly.* v. 33, n. 4, p.475-499. 1989.

GOOD, Keith. *Interdependence of China, United States, and Brazil in Soybean Trade.* Farm Policy News. University of Illinois Urbana-Champaign. 2019.Disponível em: https://farmpolicynews.illinois.edu/2019/06/ers-report-interdependence-of-china-united-states-and-brazil-in-soybean-trade/ Acesso em 02 jan. 2025.

GRAAFF, Nana de. China Inc. Goes Global. Transnational and National Networks of China's Globalizing Business Elite. *Review of International Political Economy.* v.27, n. 02. p.208–33. 2019. DOI:10.1080/09692290.2019.1675741

HALL, Peter; SOSKICE, David. Variedades de capitalismo: Algunos aspectos fundamentales. *Desarrollo Económico.* v.45, n.180, p.573-590, 2006.

HARVEY, David. *The New Imperialism.* New York: Oxford University Press. 2003. 288 p.

KOSINSKI, Daniel Santos; ALVARES, Ticiana de Oliveira. Segurança alimentar e nacional da China no século XXI: rivalidade com os Estados Unidos e oportunidades para o Brasil. *Revista Brasileira de Estudos de Defesa.* v. 9, n. 1, p.205–227, jan./jun. 2022.

LDC. *About Us*. Louis Dreyfus Company. 2024. Disponível em: https://www.ldc.com/who-we-are/about-us/heritage/ Acesso em: 22 ago. 2024.

LOPES, Harlenn; LIMA, Renato; FERREIRA, Rafael Costa. A cost optimization model of transportation routes to export the Brazilian soybean. *Custos e Agronegócio.* v.12, n. 4. p.90-109. 2016.

LPI. Logistics Performance Index. The World Bank Group, 2024. Disponível em: https://lpi.worldbank.org/international/global Acesso em: 18 dez. 2024.

MARA. *Data and Statistics.* Information Center, Ministry of Agriculture and Rural Affairs of the People's Republic of China/

农业农村部办公厅. 2024. Disponível em: http://english.moa.gov.cn/datastatistics/ Acesso em: 03 set .2024

MCMICHAEL, Philip. Incorporating Comparison within a World-Historical Perspective: An Alternative Comparative Method. *American Sociological Review.* v. 55, n. 3. p.385–397. 1990. DOI:10.2307/2095763.

MEDINA, Gabriel, THOMÉ, Karim. Transparency in Global Agribusiness: Transforming Brazil's Soybean Supply Chain Based on Companies' Accountability. *Logistics*, v. 5, n. 3:58. 2021. Disponível em: https://doi.org/10.3390/logistics5030058

MELLO, Eliane Spacil de. BRUM, Argemiro Luís. A cadeia produtiva da soja e alguns reflexos no desenvolvimento regional do Rio Grande Do Sul. *Brazilian Journal of Development,* Curitiba, v. 6, n. 10, p.74734-74750, 2020.

MILBERG, William; WINKLER, Deborah. *Outsourcing economics:* Global Value Chains in capitalist development. New York: Cambridge University Press, 2013. 376 p.

MILHAUPT, Curtis. J. Chinese Corporate Capitalism in Comparative Context. *In*: CHEN, Weitseng (Ed.). *The Beijing Consensus?* How China Has Changed Western Ideas of Law and Economic Development. Cambridge: Cambridge University Press. 2017. c. 11. p..275 - 300. DOI:1017/9781316481370.012

MILHORANCE, Flávia. LOCATELLI, Piero. *Questions persist over giant Chinese soy trader's track and trace plan.* Dialogue Earth. 09 Out., 2020. Disponível em: https://dialogue.earth/en/business/37787-questions-persist-over-giant-chinese-soy-traders-track-and-trace-plan/ Acesso em: 10 Jan. 2025.

NORBERG, Matilda Baraibar; DEUTSCH, Lisa. *The Soybean Through World History:* Lessons for Sustainable Agrofood Systems. Londres: Routledge. 2023. 256 p.

OLIVEIRA, Gustavo; HECHT, Susanna. Sacred groves, sacrifice zones and soy production: globalization, intensification and neo-nature in South America, *The Journal*

of Peasant Studies, v. 43 n.2, p.251-285, 2016. DOI:10.1080/03066150.2016.1146705.

PAPANIKOS, Gregory. The Future of Globalization. *Athens Journal of Business & Economics.* v. 10, n. 2. p.87-108. 2024. DOI:10.30958/ajbe.10-2-1.

PAULA, Nilson Maciel de. *Sistema Agroalimentar Mundial:* Contradições e Desafios. Curitiba: Editora CRV. 2017. 226 p.

PRESSINOTT, Fernanda. *Amaggi, ADM, Bunge, Cargill e Dreyfus postergam projeto de joint venture em transportes.* Globo Rural. 2024. Disponível em: https://globorural.globo.com/negocios/noticia/2024/11/amaggi-adm-bunge-cargill-e-dreyfus-postergam-projeto-de-joint-venture-em-transportes.ghtml Acesso em: 06 jan. 2025.

POMPEIA, Caio. Formação política do agronegócio. São Paulo: Editora Elefante, 2021. 392 p.

REIS, Tiago dos; LIMA, Mairon Bastos; LOPES, Gabriela Russo; MEYFROIDT, Patrick. Not all supply chains are created equal: the linkages between soy local trade relations and development outcomes in Brazil. Article 106475. *World Development,* v. 175, n. 106475, 2024. DOI: 10.1016/j.worlddev.2023.106475

SALIN, Delmy. *Soybean Transportation Guide:* Brazil 2023. U.S. Dept. of Agriculture, Agricultural Marketing Service. 2024. DOI:10.9752/TS048.09-2024

SCHNEIDER, Mindi. Developing the Meat Grab. *Journal of Peasant Studies.* v.41 n.4. p.613–633. 2014.

STAKE, Robert. *Pesquisa qualitativa:* Estudando como as coisas funcionam. Porto Alegre: Penso, 2011. 263 p.

SØNDERGAARD, Niels. Modern Monoculture and Periphery Processes: a World Systems Analysis of the Brazilian soy expansion from 2000-2012. *Revista de Economia e Sociologia Rural,* Piracicaba-SP, Vol. 56, No 01, p.069-090, Jan./Mar. 2018

TRASE. *Trase Yearbook 2018*, Sustainability in forest-risk supply chains: Spotlight on Brazilian soy. Transparent Supply Chains for Sustainable Economies. 2018. Disponível em: https://yearbook2018.trase.earth/ Acesso em: 14 jul 2024.

TRASE. *Brazil soy supply chain 2004-2020*. Version 2.6. Transparent Supply Chains for Sustainable Economies. 2022. Disponível em: https://trase.earth/open-data/datasets/supply-chains-brazil-soy Acesso em: 14 jul 2024

USDA. *Market and Trade Data / PSD Online / Reports and Data.* Foreign Agricultural Service. US Department of Agriculture. 2024a. Disponível em: https://apps.fas.usda.gov/psdonline/app/index.html Acesso em: 26 jul. 2024.

USDA. *Inaugural Genetically Modified Corn and Soybean Variety Registration List Published* - Comment Period Opened. Country: China - People's Republic of. Foreign Agricultural Service. US Department of Agriculture, 2024b. Disponível em: https://apps.fas.usda.gov/newgainapi/api/Report/DownloadReportByFileName?fileName=Inaugural%20Genetically%20Modified%20Corn%20and%20Soybean%20Variety%20Registration%20List%20Published%20-%20Comment%20Period%20Opened_Beijing_China%20-%20People%27s%20Republic%20of_CH2023-0149. Acesso em: 26 jul. 2024.

USDA. *New Genetically Modified Corn and Soybean Variety Registration List Published.* Country: China - People's Republic of. Foreign Agricultural Service. US Department of Agriculture, 2024c. Disponível em: https://apps.fas.usda.gov/newgainapi/api/Report/DownloadReportByFileName?fileName=New%20Genetically%20Modified%20Corn%20and%20Soybean%20Variety%20Registration%20List%20Published_Beijing_China%20-%20People%27s%20Republic%20of_CH2024-0048. Acesso em: 26 jul. 2024.

USDA.*Planting Seeds Annual 2024.* Foreign Agricultural Service. US Department of Agriculture, 2024d. Disponível em: https://apps.fas.usda.gov/newgainapi/api/Report/DownloadReportByFileName?fileName=Planting%20Seeds%20Annual%202024_Beijing_China%20-%20People%27s%20Republic%20of_CH2024-0073. Acesso em: 26 jul. 2024.

VÖLZ, Josué; DUARTE, Tiaraju Salini. Hegemonia no sistema-mundo e transição do regime agroalimentar: comparativos entre as inserções estratégicas de EUA e China e seus impactos no ramo da soja. *RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*, [S. l.], v. 11, 2025. DOI:10.23899/swgqt691.

WALLERSTEIN, I. *The capitalist World-Economy*. New York: Cambridge University Press, 1979. 305p.

WILKINSON, John; ESCHER, Fabiana; GARCIA, Ana. The Brazil-China nexus in agrofood: What is at stake in the future of the animal protein sector. *International Quarterly for Asian Studies.* v.53, n.2, p.251–277. 2022.

YAN, Hairong; CHEN, Yiyuan; KU, Hok Bun. China's soybean crisis: The logic of modernization and its discontents. *The Journal of Peasant Studies,* v. 43, n. 2, p.373–395. 2016. DOI:10.1080/03066150.2015.1132205

YIN, Robert K. *Estudo de caso.* Planejamento e métodos. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2001. 200 p.

ZÁMBORSKÝ, Peter; YAN, Zheng; Joseph; MICHAILOVA, Snejina; ZHUANG, Vincent. Chinese Multinationals' Internationalization Strategies: New Realities, New Pathways. *California Management Review*, v. 66, n.1, p.96-123. 2023. DOI:10.1177/00081256231193467

Recebido para publicação em 06/06/2025

Aceito para publicação em 03/09/2025